

Em busca da infância perdida: rastros, relatos, recordações.

Eduardo Arriada, Professor Doutor da Faculdade de Educação da Ufpel.

E-mail: earriada@hotmail.com

Resumo: Este trabalho centra-se num esboço historiográfico, na busca de textos históricos e/ou de época (memórias, diários, revistas, ensaios, etc.), que de certa forma possam subsidiar futuras pesquisas sobre infância. Nossa preocupação não é tratar em si da infância, mas sim indicar possíveis fontes para estudá-la. Estas são algumas questões desafiadoras para os pesquisadores. Não apenas o alargamento do campo de pesquisa, como a diversidade das fontes que podem auxiliar na melhor compreensão desse objeto de pesquisa, ou seja, a infância.

Palavras chaves: infância, historiografia, educação.

A infância tem nos últimos anos, enquanto objeto de estudo, despertado o interesse de vários estudiosos nas mais diferentes abordagens, seja o olhar do historiador, do sociólogo, do antropólogo, do psicólogo, do pedagogo, ou até mesmo, de outros profissionais, como é o caso dos escritores.

Basta ver os diversos trabalhos publicados recentemente, em 1998, Moysés Kuhlmann, publica o livro “Infância e educação infantil: uma abordagem histórica”, nos diversos capítulos a preocupação do autor é analisar o período de transição do século XIX ao XX, onde os temas tratados oferecem um panorama de abordagens, fontes e pesquisas sobre as crianças; de Sonia Kramer e outros, temos “Infância e Educação Infantil” (1999), o livro reúne onze trabalhos de pesquisadores que investigam a prática pedagógica com crianças de zero a seis anos. A primeira parte agrupa estudos que, partindo dos fios da narrativa, leitura e escrita, partilham processos de construção do conhecimento e culminam na análise das políticas públicas. Em 2002, surge trabalho organizado por Marcos Cezar de Freitas e Moysés Kuhlmann, “Os intelectuais na história da infância”, onde diversos autores, nacionais e estrangeiros, trazem ao leitor momentos singulares, nos quais o trabalho intelectual transforma o tema criança e

infância em “objetos de ciência” e razão de ser da constituição de muitas “obras de referência” sobre o assunto. No ano de 2005, a Revista Educação e Sociedade, lança um número exclusivo sobre o tema, “Sociologia da Infância: pesquisas com crianças”, com apresentação de Ana Cristina Coll Delgado e Fernanda Muller, e textos dos mais variados autores, como Manuel Jacinto Sarmiento, Claude Javeau, Priscilla Alderson, entre outros. Certamente essa publicação enriquece o debate, intensificando a interdisciplinaridade dos estudos da infância. Podemos ainda arrolar o trabalho coletivo publicado em 2007, organizado por Júlia Oliveira-Formosinho, Tizuko Morchida Kishimoto e Mônica Appezato Pinazza, “Pedagogia(s) da Infância: dialogando com o passado, construindo o futuro. Discutindo a contribuição de diversos teóricos, tanto do século XIX, como do XX, essa obra procura, na longa história da pedagogia, alguns diálogos que nos ajudam a esclarecer concepções, tomar decisões, sentir pertencimentos e, com isso, desenvolver um sentir, um pensar e um fazer pedagógico fortalecido e rico, menos dependente do aqui e agora.

No campo da história da educação, na qual estou inserido, diversos trabalhos mesmo que não tratem exclusivamente da infância, acabam de diversas maneiras não deixando de investigar, seja tratando do processo de escolarização das crianças; seja sobre as representações construídas em torno delas; sejam estudos sobre a literatura infantil (o que era produzido, bem como, o que se lia); seja ainda sobre a produção e apropriação das cartinhas e manuais utilizados no espaço de sala de aula, etc.

Nosso intuito centra-se numa tentativa historiográfica tanto de caráter histórico, como de textos de época (memórias, diários, revistas, ensaios, etc.), que de certa forma possam possibilitar futuras pesquisas por aqueles que desse tema tratam. Nossa preocupação não é tratar em si da infância, mas sim indicar possíveis fontes para estudar a infância.

Sabe-se que muitas fontes nem sempre são devidamente citadas, não por causa de sua importância, mas pelo desconhecimento delas, ou então, pela quase inacessibilidade das mesmas.

Toda infância tem uma história. Por ser histórica implica a construção de narrativas. Para António Nóvoa, não há como fazer história da educação, *e podemos dizer de qualquer história* (Grifos meus), sem articular a noção de discurso, até mesmo

pelo fato de os documentos serem “textos que reconstituem a realidade e não meras fontes que retratam fatos acerca da realidade” (NÓVOA, 1998, p. 37).

LaCapra ressalta que os historiadores usam inevitavelmente estruturas narrativas para definir o conhecimento histórico e separar a história de outras formas de escrita. “Distinções analíticas como as que costumam ser feitas entre história e literatura, fato e ficção, conceito e metáfora, sério e irônico etc., não definem esferas de discurso que caracterizam ou regem, de forma não problemática, os usos mais amplos da linguagem” (LaCapra apud KRAMER, 2001, p. 139-140).

De longa data, os pesquisadores têm se dedicado a esse objeto. Um dos primeiros autores a debruçar-se sobre o tema foi Benjamin¹, quando nas primeiras décadas do século XX, produziu diversos ensaios sobre a criança, enfatizando os brinquedos e os livros infantis, seja por meio de estudos ou pela própria recordação de sua infância.

Em 1939, ao publicar “O Processo Civilizador”, Elias, abria novas perspectivas de análise, ao demonstrar historicamente a distinção entre o mundo infantil e o mundo adulto. O autor aponta um novo padrão que começa a surgir nos tempos modernos, onde uma profunda discrepância entre o comportamento dos adultos e das crianças se manifesta: “Estas têm no espaço de alguns anos que atingir o nível avançado de vergonha e nojo que demorou séculos para se desenvolver. A vida instintiva delas tem que ser rapidamente submetida ao controle rigoroso e modelagem específica que dão à nossa sociedade seu caráter e que se formou na lentidão dos séculos” (ELIAS, 1994, p. 145).

Nos anos sessenta, a publicação do livro “L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime (1962), Philippe Áries levanta para a época alguns questionamentos polêmicos, entre outras questões abordadas, apontava que a infância no antigo regime ao não ter um controle tão grande sobre as crianças, acabava proporcionando um espaço de liberdade muito maior do que os tempos modernos. Este período histórico, ao contrário, ao valorizar a infância, acaba limitando sua liberdade.

¹ Entre os diversos ensaios de Benjamin dedicados ao tema, salientamos: O Ensino de moral (1913); Velhos livros infantis (1924); Panorama do livro infantil (1926); História cultural do brinquedo (1928); Brinquedos e jogos (1928); Rua de mão única (1926-28); Infância em Berlim por volta de 1900. Esses ensaios foram publicados em: *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. 4ª edição. São Paulo: Summus, 1984; *Escritos: la literatura infantil, los niños y los jóvenes*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1989; *Obras Escolhidas II. Rua de Mão Única*. 3ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

A partir desses trabalhos, uma produção de estudos sistemáticos sobre infância toma forma. Novos olhares e perspectivas se abrem sobre o tema. A grande contribuição de Áries para os estudos históricos, foi apontar a especificidade da infância, indicando um conjunto de práticas materiais e simbólicas em relação aos cuidados em torno da criança, o que ele denominou “sentimento de infância” (ARIÈS, 1988).

No campo da pesquisa e investigação, o pioneirismo de Áries interessa para o estudo da infância, não apenas pela metodologia adotada, mas particularmente pela utilização de uma ampla gama de fontes historiográficas, contribuindo para um alargamento no levantamento, uso e questionamento das fontes analisadas.

Sabemos hoje certos limites de sua pesquisa, Kuhlmann Jr. (1998), mostra que em seu trabalho Áries estudou as crianças da elite, generalizando suas análises para todas as camadas sociais, sem perceber que o sentimento de infância, ter-se-ia desenvolvido das camadas superiores para as inferiores.

Diversas investigações têm procurado avançar as pesquisas e temas anteriormente desenvolvidos, assim como, trilhar novos caminhos. Publicados no Brasil, entre outros, salientamos os seguintes estudos, da cultura francesa temos: Perrot, com os diversos ensaios publicados na História da vida privada (1994): “A família triunfante”; “Funções da família”; “Figuras e papéis”; “A vida em família” e “Dramas e conflitos familiares”; Flandrin, “Sexo e o ocidente” (1988); Badinter, “O mito do amor materno” (1985); Gélis, “A individualização da criança” (1993); dos anglo-saxões: Finkelstein, “Incorporando as crianças à História da Educação” (1992); Heywood, “Uma história da infância” (2004); Stearns, “A Infância” (2006).

Cabe ressaltar além desses trabalhos em inglês e francês, a produção portuguesa e espanhola, pela acessibilidade lingüística. Assim temos de Portugal: Rogério Fernandes, “Notas em torno de retratos de crianças” (2000); Fernandes & Filgueiras, “História social da infância em Portugal: um território em construção” (2002); Ferreira, “A criança no Antigo Regime” (1998); e “Considerações sobre a infância na sociedade do Antigo Regime” (2002); em espanhol, salientamos a publicação em 1986 da Revista de Educación: “Historia de la infância y de la juventud” e Bajo & Beltran, “Breve historia de la infância” (1998).

No Brasil, o estudo da história da infância nos últimos anos tem tido um impulso extraordinário. Diversos trabalhos vêm pesquisando a infância dentro do contexto sócio-cultural, assim como a noção de infância ao longo do tempo.

Alguns trabalhos no passado tentaram de forma pioneira analisar a situação e/ou contexto da infância dentro da realidade brasileira. Um dos primeiros deve-se a Franco Vaz, que em 1905, publica a obra “A Infância Abandonada”, dividido em dois grandes capítulos, o primeiro trata do abandono material, o segundo do abandono moral. Nesse trabalho apontava o descaso que existia no Brasil em relação à infância:

Enquanto a Europa possui uma literatura inteira e, o que é mais ainda, uma literatura vasta e copiosa, no Brasil esse magno assunto permanece quase na penumbra, a falta de quem lhe queira trazer as luzes do seu saber e o concurso do seu entendimento.

Não fôra a campanha benemérita promovida [...] pelo Dr. Moncorvo Filho, diretor do Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio de Janeiro; um excelente estudo jurídico – mas só jurídico – da lavra de [...] Tobias Barreto, subordinado ao título *Menores e Loucos*; um opúsculo – *Crianças abandonadas e crianças criminosas* – do Sr. Evaristo de Moraes; um curto capítulo, de meia dúzia de páginas, inserto em seu livro *A nova escola penal*, do desembargador Dr. Viveiros de Castro[...] que mais existe a respeito? (VAZ, 1905, p. V).

No ano de 1921, Gilberto Freyre, manifestava o desejo de “escrever uma história do menino – da sua vida, dos seus brinquedos, dos seus vícios – brasileiro, desde os tempos coloniais até hoje” (PRIORE, 1999, p. 11).

Posteriormente temos o texto de Moncorvo Filho, “Histórico da proteção à infância no Brasil” (1926); de Veríssimo Filho, “Folclore Infantil” (1948/49), coletânea de parlendas, adivinhas, jogos populares, etc. Em 1959, Freyre, na obra “Ordem e Progresso”, retoma a proposta anteriormente esboçada, e utilizando as mais variadas fontes que resgatam a produção de materialidades como brinquedos, livros, cadernos escolares, reconstituí aspectos da sociedade brasileira do final do século XIX e início do século XX, dando certo destaque à infância. Em 1961, Florestan Fernandes publica “Folclore e mudança social na cidade de São Paulo”, tratando de temas como as

manifestações culturais da infância e seus espaços de sociabilidade (GOUVÊA, 2003, p. 195).

Porém, somente nos anos 80, o estudo sistemático e problematizado da infância irá constituir-se numa “tradição”. Isso foi possível pelo surgimento das produções acadêmicas, decorrência dos cursos de pós-graduação.

Temos então, diversos trabalhos publicados, de Irma Rizzini, “Olhares sobre a criança no Brasil: século XIX e XX” (1997); Marcos César Freitas organiza uma coletânea de estudos, com o título “História Social da infância no Brasil” (1997); Moysés Kuhlmann publica “Infância e educação infantil” (1998); Maria Luíza Marcílio lança “História social da criança abandonada” (1998). Em 1999 aparece o trabalho organizado por Mary del Priore, “História das crianças no Brasil”; e Luciano Mendes Faria Filho e Cynthia Veiga editam “Infância no sótão”. Segue-se uma multiplicidade de textos, entre outros, podemos salientar: o número especial da Revista Educação e Pesquisa da USP (2000), organizado por Diana Vidal, e dedicado ao tema; em 2001, Carlos Monarcha edita “Educação da infância brasileira (1875-1983)”; em 2002 temos de José Gondra, “História, infância e escolarização”; segue o tema “infância” sendo cada vez mais discutido, dentro das mais variadas correntes teóricas.

A importância da literatura como fonte para investigar a infância

A partir do século XIX, em virtude da renovação dos métodos pedagógicos, começa a esboçarem-se entre nós, obras dedicadas a infância, tendo como fundo esse tema, ou procurando escrever para as crianças. Estando o Brasil culturalmente ligado a Portugal, sua influência se faz presente. Do mesmo modo, a França marcava de forma profunda a sociedade brasileira, tanto na moda, nos costumes, como na literatura.

De Portugal, temos o indicativo de Castilho, que preconiza para o ensino primário, textos agradáveis e adaptados à mentalidade infantil, mas ele mesmo nada produziu. Essa iniciativa coube a João de Deus, que deliberadamente escreve para o público infantil, reservando no “Campo de Flores” uma pequena parte denominada “Para Crianças”. Mesmo contendo implicitamente uma moralidade, essas histórias narradas são escritas numa linguagem que procura imitar o linguajar das crianças, uso

de onomatopéias, versos, quadrinhas, etc. Por sua vez, Guerra Junqueiro edita os seus “Contos para a Infância” (1877), onde além de traduções de contos tradicionais, historietas edificantes, apresenta alguns temas ligados a infância, sem, contudo, levar em consideração, a advertência de Castilho, de serem os textos “adaptados à mentalidade infantil”. Seguindo a orientação preconizava por Castilho e João de Deus, Antero de Quental publica o “Tesouro Poético da Infância” (1883), onde no prefácio exprime a idéia de que existe “no espírito das crianças tendências poéticas e uma verdadeira necessidade de ideal que convém auxiliar e satisfazer”. Não se trata agora de simples moral ou de recreação, mas sim a tentativa de desenvolver o gosto e a sensibilidade (REMEDIOS, 1908; FIGUEIREDO, 1966; LEMOS, 1976).

Talvez o primeiro autor a pôr o problema em termos de modernidade, seja Eça de Queirós, mostrando o lado verdadeiramente literário e artístico da literatura infantil. Temos que criar textos para as crianças, onde colaborassem as “artes gráficas, o desenho, a cor; em que a capacidade de apreensão da criança fosse atendida, em que se olhasse a importante questão da diferenciação de assuntos conforme a idade”. O artigo das “Cartas de Inglaterra”, intitulado “Literatura do Natal”, é, ainda hoje, uma boa lição aos que escrevem para crianças (LEMOS 1976, p. 469).

Uma vertente que marca profundamente a produção de textos voltados para o público infantil (e muitas vezes os próprios adultos), é a literatura do maravilhoso. O romantismo, baseado ingenuamente na idéia do povo criador, põe na moda romances e contos populares. O próprio Antero de Quental, ao elaborar o seu “Tesouro Poético da Infância”, foi buscar em grande parte de sua antologia, a poesia popular. Entre uma poesia popular e uma poesia erudita, certamente a primeira é mais acessível às crianças, seja pela linguagem, seja pelo vocabulário, seja ainda pela simplicidade. Mas na busca e resgate dessa simplificação, pode ocorrer o equívoco, ou seja, a confusão que por muito tempo se estabeleceu entre literatura popular e literatura para a infância. Os contos populares que Ana de Castro Osório recolheu e apresentou como literatura para crianças, na verdade são contos para adultos expurgados de alguns inconvenientes para os pequenos. “E assim a imaginação popular, alimentada de realidade às vezes brutal e crua, de experiência desenganada dos homens e dos seus vícios, de superstição e de amoralidade, foi, por muito tempo, a única voz que se ergueu para falar às crianças” (LEMOS, 1976, p. 471).

Mas na trajetória dos contos maravilhosos, que incorporados no imaginário popular, nem sempre foi possível separar o produzido nacionalmente e as influências de outras literaturas, bem como determinar se ela é literatura infantil, ou em verdade, literatura para adultos.

Temos a incorporação dos contos de Andersen, de Perrault e dos Grimm, as fábulas de La Fontaine,² (muitos traduzidos por Ana de Castro Osório), que passam a enriquecer o mundo cultural lusitano (tanto de Portugal, como do Brasil). Agora não temos apenas mitos e lendas que narram histórias de bruxas, lobisomens, mouras encantadas, etc. Agora “extraordinárias explosões de fantasia e graça irônica”, invadem a cultura portuguesa (LEMOS, 1976, p. 471).

Apontemos de passagens outras obras e autores que marcaram o universo infantil, a Condessa de Ségur se sobressai; em seus livros o bom-senso, a caridade cristã, o respeito, a família, são partes presentes na sua proposta. Uma de suas obras que teve uma forte repercussão e circulação na sociedade foi “Que amor de Criança”.

Essa vasta literatura infantil, de origem européia (mesmo com os seus equívocos), na segunda metade do século XIX penetra no Brasil em edições traduzidas e/ou adaptadas, caso, por exemplo, de: “O Pequeno Polegar”, “A Branca de Neve e os Sete Anões”, “Robinson Crusóe”, “O Gato de Botas”, “As Viagens de Gulliver”, etc³ (MOISÉS, 1976, p. 474).

Um dos autores que se notabilizou por traduzir e adaptar livros clássicos para o público infanto-juvenil foi Carlos Jansen⁴, alemão que depois de radicado no

² Os primeiros regulamentos dos Colégios públicos e privados no Brasil no século XIX, já indicavam diversos desses autores em seus programas. De La Fontaine, diversas edições francesas circulavam e eram utilizadas pelas escolas. Caso por exemplo: “*Fables de J. de La Fontaine*”, Leipzig: Bern. Tauchnitz Jeune, Libraire-Éditeur, 1845; “*Fables de La Fontaine*”. Illustrations par K. Gibardet. Tours: A. Mame et Cia, Imprimeurs-Libraires, 1857; outras eram traduções vertidas para o português, caso, por exemplo, da tradução (parcial) de João Afonso: “*Prova oral de francês. Fables de La Fontaine*”. Pelotas: Livraria Americana, 1883. Outro autor muito usado foi Fénelon, desde cedo traduzido para o português, caso de: “*Aventuras de Telemaco, filho de Ulysses*”. Tradução de Manuel de Sousa e Francisco Manuel do Nascimento, retocada e correta por José da Fonseca. 2 tomos. Paris: Livraria Europea de Baudry, 1837; ou ainda “*Aventuras de Telêmaco, filho de Ulysses, compendiadas para uso dos meninos*” por José da Fonseca. Paris: V. J.P. Aillaud, Monlon e C^a, 1854.

³ No final do século XIX e início do século XX, a Editora Garnier, lança uma coleção “Biblioteca da Juventude”, com diversos livros europeus traduzidos para o português, visando atingir o público infanto-juvenil. Caso de: S. Henry Berthoud. “*Contos d doutor Sam*”. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1898; “*As Mil e uma noites: contos árabes*”. Adornados de muitas gravuras. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1913; Luis Ruiz Contreras. “*Novellas infantis*”. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1920.

⁴ Entre outras obras, traduziu e adaptou: “*Contos Seletos das Mil e Uma Noites*”. Rio de Janeiro: Laemmert, 1882; “*Robinson Crusoe*”. Rio de Janeiro: Laemmert, 1885; “*Dom Quixote*”. Rio de Janeiro:

Brasil desenvolve forte atividade intelectual, sendo parte dela quando atuava como professor do Colégio Pedro II.

Nesses primórdios do desenvolvimento da literatura infantil, surge o primeiro jornal dedicado à infância e à adolescência, “O Adolescente”, que teve início em três de abril de 1887, dirigida por Virgílio Batista e Rivera. Após essa pioneira publicação, outras surgem, em 1905, “O Tico-Tico”, sob a orientação de Luís Bartolomeu de Sousa e Silva. “Essa revista exerceu anos seguidos uma benéfica e penetrante influência na formação da juventude brasileira; várias gerações nela se instruíram e se recrearam, no mais sadio dos espíritos pedagógicos” (MOISÉS, 1976, p. 474). Outra revista dedicada ao grande público infantil, foi “O Beija-Flor: revista infantil ilustrada”⁵.

Num ensaio sobre “Literatura infantil”, Afrânio Peixoto (1923, p. 149), criticava certo tipo de literatura, particularmente aquela escrita para as crianças, “não sei de livros mais inúteis que os livros ‘sobre crianças’, para crianças...”.

Concluía que a literatura de crianças, ou sobre crianças, “a confidencial, de Goethe, Lamartine, Renan, Michelet, Jules Vallès, Anatole France, Loti, Spitelier... ou a de ficção de Daudet, dos irmãos Marguiritte, Lichtenberger, Pierre Mille, Machard... interessará a nós, menos a eles” (PEIXOTO, 1923, p. 151-152).

Por uma política de preservação e divulgação das fontes

Partindo-se do pressuposto que as fontes não são apenas necessárias, mas indicativas das representações de determinadas épocas, nos possibilitando atingir parcelas do conhecimento, “relewa de importância o desenvolvimento de uma preocupação intencional e coletiva com a geração, manutenção, organização, disponibilização e preservação das múltiplas formas de fontes” (SAVIANI, 2004, p. 09-10).

Laemmert, 1886; “*As Viagens de Gulliver*”. Rio de Janeiro: Laemmert, 1888; “*Aventuras do Celeberrimo Barão de Münchhausen*”. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902.

⁵ Essa revista quinzenal teve início de sua publicação em 1915, sabemos que até o final de 1917, era publicada (possuímos em nosso acervo números pertinentes ao ano de 1916 e 1917), não sendo possível precisar se continuou sendo editada. De cunho claramente cristão, era editada pelo Centro da Boa Imprensa em Petrópolis. Não confundir essa obra, com outra de mesmo nome, mas editada entre 1849-1850, que era uma revista literária semanal, contendo artigos, ensaios, traduções, poesias e textos de ficção (COUTINHO & SOUSA, 2001, p. 344).

Sabemos das precariedades de conservação de vários e diversos arquivos por parte de nossas instituições (escolas, bibliotecas, institutos). Sabemos também a falta que sofrem para conseguirem condições razoáveis de preservação desses acervos. Conhecemos bem a nossa realidade. Temos conhecimento de algumas iniciativas meritórias tanto no que diz respeito à guarda, catalogação e cuidados na manutenção, bem como a atenção de disponibilizar esse material aos pesquisadores.

No entanto, sabemos que apenas boa vontade e empenho não são suficientes. Precisamos sim, políticas sérias voltadas para a catalogação, conservação e manutenção de acervos. Isso se faz com seriedade, responsabilidade, carinho, bom senso e dinheiro.

O uso da tecnologia atual muito tem ajudado na preservação dos mais variados tipos de fontes. Diversos documentos, textos, imagens, estão sendo digitalizadas e colocadas ao alcance de muitos pesquisadores. Contudo não devemos esquecer que a preservação de informações guardadas em meios virtuais implica, indissolavelmente, a preservação dos instrumentos que permitem a sua leitura (SAVIANI, 2004).

Devemos estar alertas para a seguinte colocação:

Os perigos da nova tecnologia, seus desafios, estão relacionados à sua rápida obsolescência. Um livro abre-se sempre à leitura. Os segredos que guarda precisam ser decifrados, mas o olhar percorre suas páginas. Os códigos de leitura necessitam ser partilhados e construídos historicamente. No entanto, seu fechamento nunca é tão completo quanto o disquete ou CD-ROM, cuja leitura deve ser sempre mediatizada por uma máquina (VIDAL, 2000, p. 35).

Estas são algumas questões desafiadoras para todos nós. Esperamos estarmos colaborando com os pesquisadores, não apenas no alargamento do campo de pesquisa, como também chamando atenção para a diversidade das fontes que podem auxiliar na melhor compreensão desse objeto de pesquisa, ou seja, as crianças. Na busca da infância perdida quem sabe seja possível não apenas (re) valorizar as crianças, como as fazer serem protagonistas desse processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, Philippe. *A Criança e a vida familiar no Antigo Regime*. Lisboa: Relógio d'água, 1988.
- CATANI, Denice Bárbara. Considerações sobre a infância na sociedade do Antigo Regime. In: VASCONCELOS, Maria Lucia (Org.). *Educação e história da cultura: fronteiras*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2002.
- COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário Crítico da literatura infantil e juvenil brasileira: séculos XIX e XX*. 4ª edição. São Paulo: Edusp, 1995.
- COUTINHO, Afrânio & SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. 2ª edição. São Paulo: Global Editora, Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Academia Brasileira de Letras, 2001.
- EDUCAÇÃO & SOCIEDADE. Revista de Ciências da Educação. *Sociologia da infância: pesquisas com crianças*. Vol. 26, n. 91, maio/agosto de 2005.
- FANDRIN, Jean-Louis. (Org.). *O Sexo e o Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- FERNANDES, Florestan. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. São Paulo: Anambí, 1961.
- FERNANDES, Rogério. Notas em torno de retratos de crianças. In: *Educação e Pesquisa*. Nº. 26, v. 1. São Paulo: USP, jan/jun. 2000.
- FERNANDES, Rogério & FILGUEIRAS, Margarida. História Social da infância em Portugal: um território em construção. In: GONDRA, José Gonçalves. (Org.). *História, infância e escolarização*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2002.
- FERREIRA, António Gomes. A criança no Antigo Regime. In: SOUSA, Cynthia Pereira de & CATANI, Denice Bárbara. *Práticas Educativas, Culturas Escolares e Profissão Docente*. São Paulo: Escrituras, 1998.
- FIGUEIREDO, Fidelino de. *História Literária de Portugal*. 3ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.
- FINKELSTEIN, Bárbara. Incorporando as crianças à História da Educação. *Teoria & Educação*. Porto Alegre: Pannonica Editora, nº. 6, 1992. [Dossiê: História da Educação].
- FORMOSINHO, Júlia Oliveira e outros (Org.). *Pedagogia(s) da Infância: dialogando com o passado, construindo o futuro*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2007.

- FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). *História Social da Infância no Brasil*. São Paulo: Cortez Editora, 1997.
- FREITAS, Marcos Cezar & KUHLMANN, Moysés (Org.). *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez Editora, 2002.
- GÉLIS, Jacques. A individualização da criança. In: ARIÈS, Philippe (Org.). *História da vida privada*. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- GONDRA, José (Org.). *História, infância e escolarização*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2002.
- KRAMER, Lloyd S. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra. In: HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. 2º edição. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- KRAMER, Sonia e outros (Org.). *Infância e Educação Infantil*. Campinas: Papirus, 1999.
- KUHLMANN JR, Moysés. *Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica*. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- LEMONS, Ester de. Literatura infantil em Portugal [468-474]. In: COELHO, Jacinto do Prado. (Direção). *Dicionário de Literatura*. 3º edição. Porto: Figueirinhas, 1976.
- LOMBARDI, José Claudinei & NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (Orgs.). *Fontes, História e Historiografia da Educação*. Campinas: Unics/Uepg/PucPr/Autores Associados, 2004.
- LOPES, Alberto; FARIA FILHO, Luciano Mendes; FERNANDES, Rogério (Orgs.). *Para a compreensão histórica da infância*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MARCILIO, Maria Luiza. *História Social da criança abandonada*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- MOISÉS, Massaud. Literatura infantil no Brasil [474-475]. In: COELHO, Jacinto do Prado. (Direção). *Dicionário de Literatura*. 3º edição. Porto: Figueirinhas, 1976.
- NÓVOA, António. História da educação: novos sentidos, velhos problemas. In: MAGALHÃES, Justino (org.). *Fazer e ensinar história da educação*. Braga: Universidade do Minho, 1998.
- PEIXOTO, Afrânio. *Ensinar a Ensinar: ensaios de pedagogia aplicada à educação nacional*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1923.
- PRIORE, Mary del (Org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.

REMEDIOS, Mendes dos. *História da Literatura Portuguesa*. 3ª edição. Coimbra: F. França Amado Editor, 1908.

RIZZINI, Irma (Org.). *Olhares sobre a criança: século XIX e XX*. Rio de Janeiro: Petrobrás/USU, 1997.

SAVIANI, Dermeval. Breves considerações sobre fontes para a história da educação. In: LOMBARDI, José Claudinei & NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. (Orgs.). *Fontes, história e historiografia da educação*. Campinas: Autores Associados, 2004.

VASCONCELOS, Maria Lucia (Org.). *Educação e história da cultura: fronteiras*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2002.

VAZ, Franco. *A infância abandonada*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905.

VIDAL, Diana Gonçalves. Fim do mundo do fim: avaliação, preservação e descarte documental. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Org.). *Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação*. Campinas: Autores Associados, 2000.

_____ (Org.). *A infância na história*. Revista Educação e Pesquisa. Vol. 26. São Paulo: USP, jan/jul. 2000.